

# A GEOGRAFIA DO MUNDO ATUAL E A GLOBALIZAÇÃO. NOVOS PARADIGMAS, MUDANÇAS DE ESCALA E INCERTEZAS.

*Armando Corrêa da Silva\**

## 1. Teorização

Parto da idéia de que a globalização e a mundialização, como tendências da atualidade, encontram limites e barreiras em duas frentes: o Estado-Nação e as relações Internacionais.

No Estado-Nação as barreiras são a nacionalidade, expressa na língua e nos segmentos de classe, ainda, interessados em um Projeto Nacional, e as etnias, cujas raízes são o território e a territorialidade. De todo modo, a cultura, em sentido amplo, moderno e pós-moderno, parece ser o limite mais forte.

As relações internacionais, entendidas como relações econômicas, sociais, políticas, culturais, antropológicas e psicológicas, são relações entre países e territórios, mediadas por intercâmbios de bens e serviços, que dependem de acordos entre partes, vinculados a governos e firmas, incluindo aqui relações de soberania e dependência.

A globalização (os fluxos de capital supra-nacionais) e a mundialização (os pontos de referência nas dimensões local, regional, nacional e de blocos) ultrapassam, ou tendem a ultrapassar aqueles limites e barreiras.

## 2. A Lógica dos Processos

---

\* Professor Titular do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.  
Endereço para Correspondência: Depto. de Geografia, FFLCH/USP. São Paulo (SP), CEP. 05508-000. Tel. (55) (011) 818-3769 e Fax (55) (011) 818-3159.

Iniciando com o indivíduo, cabe perguntar quanto uma pessoa está disposta a gastar para obter bens ou serviços de acordo com seus recursos disponíveis.

No caso de firmas, o que parece importar é a relação custo-benefício, que depende de vantagens comparativas.

Os governos tendem a atender (espontaneamente ou através de pressões) as diversas demandas, defrontando-se com inúmeras variáveis, internas e externas, complementando interesses ou usando de mecanismos de controle de situações, muitas vezes indeterminadas, ou fora de paradigmas, mesmo que no curto prazo.

## 3. Democracia e Autoritarismo

Os limites e barreiras mencionadas são frentes de resistência que desempenham ações comunicativas desde o diálogo até o confronto.

O diálogo ocorre quando há convergência de objetivos, tornando as relações humanas inter-pessoais e intercompreensivas, o que ultrapassa o limite cultural.

O confronto ocorre quando os objetivos são conflitantes, tornando difíceis ou impossíveis as negociações, mesmo quando a barganha é necessária.

Se o(s) paradigma(s) é/são adequado(s), alguma forma de relação é possível através de ações políticas de aliança(s).

Pode dar-se o caso de mudança de escala, o que dá ensejo a possibilidades novas, capazes de ultrapassar bloqueios para-normais, ou definidos por situações de incertezas.

## 4. As hegemonias dispersas

Na distribuição do poder o mundo atual apresenta configurações que podem ser vistas como representações espaciais distintas, dependendo do ângulo de observação.

Dizer, por exemplo, que Estados Unidos, Japão e Alemanha comandam a geografia global é problemático.

Argumentar com uma hierarquia, como dizer que o Brasil é sub-periferia também é controverso.

O argumento aqui, que inclui atores diversos da modernidade e da pós-modernidade, é o de que há decisões em múltiplos patamares da sociedade política, militar e civil, descaracterizando assim qualquer análise isotrópica.

Fora de qualquer idéia de uma conspiração geopolítica, a geografia atual do mundo é refratária a paradigmas, escalas e incertezas duradouros, embora alguns autores argumentem com as idéias de fim da história, presente perpétuo ou outras.

Se a globalização e a mundialização são tendências reais e permanentes (até quando?) as espacialidades e temporalidades tendem, como processos que são, a determinar e sub-determinar rumos previsíveis e imprevisíveis na distribuição dos poderes na superfície do planeta.

Na perspectiva do século XXI, por exemplo, olha-se com curiosidade e receio para com a política da China, que agora apresenta um crescimento alto do PIB. Nada garante, no entanto, que esse processo dure muito tempo.

## 5. Novos Paradigmas

A paranóia da modernidade continua a expressar-se através de situações como o bloqueio de Cuba, um remanescente da guerra-fria.

A pós-modernidade assiste a formação de blocos, como NAFTA, o MERCOSUL, a CEE.

No entanto, a contra-tendência reflete-se nos regionalismos e separatismos, reflexo da divisão do mundo atual em ricos e pobres.

Na Geografia, argumenta-se, então, com a dicotomia local-global.

As mediações, expressas pelas diferenças, são politicamente frágeis, como é o caso da ONU.

## 6. Mudanças de Escala

O observador contemporâneo, situado na nave espacial vê o planeta de modo diverso do usuário do avião, do automóvel, do trem, do ônibus ou do pedestre.

Desde a aparente totalidade da imagem da terra no espaço, até os fragmentos dos personagens do cotidiano, a paisagem apresenta-se como realidade virtual, em alguns casos e como hiper-real em outros.

O desenho da divisão espacial do trabalho e do capital mostra possibilidades de arranjos e valorizações civersas, na dependência de ideologias, que a homologia dos peritos e a paralogia dos inventores transforma em modos de dominação e subordinação definidos por consciências desiguais, no diálogo ou no conflito.

## 7. Incertezas

Os jogos de linguagem permitem variações espaciais inúmeras e interdeterminadas, que têm como representação os mapas conceituais.

Que tempos e espaços são esses dos encontros e desencontros, que as redes procuram decodificar?

A dessubstancialização da razão e dos sujeitos detona o mal-estar da pós-vanguarda: o "marxismo acabou", o "comunismo acabou", o "liberalismo acabou", ou seja, as certezas só não estão em crise no pragmatismo do cotidiano como espaço vivido e a viver.

Parodiando, então, o novo filósofo francês, digo: Deus não existe, Marx está morto, Freud era gay e eu estou de saco cheio, como na música de Chico Buarque.

**Figura 1.**

REAL (ONTOLOGIA)



**Figura 2**

REALIDADE (LÓGICA)

